



O processo de produção da notícia: a hipótese do *Newsmaking*¹

Beatriz de Oliveira Silveira²

Rosana Nantes Pavarino³

Universidade Católica de Brasília

Resumo

O trabalho a seguir apresenta o processo de produção da notícia, desde a transmissão da informação por parte da fonte, até a veiculação da mesma. O intuito é apresentar os fatores intervenientes que o *Newsmaking* possui. Contém uma análise breve sobre notícias publicadas na ocasião dos 200 anos de Charles Darwin, afim de chamar a atenção para o fato de que é necessário levar os referidos fatores em consideração ao interpretar uma notícia.

Palavras-chave

Gatekeeping; Hipóteses da Comunicação; *Newsmaking*; notícia.

Durante o processo de evolução da comunicação, que, segundo FARAH, trata-se da criação e compartilhamento de significados através da transmissão e troca de símbolos, que requer uma interação entre as pessoas e mesmo, entre pessoas e meios mecânicos, foram desenvolvidos alguns estudos acerca do comportamento de um indivíduo quando em contato com os meios de comunicação de massa.⁴ MARTINO (2001) diz que a mudança de comportamento pode ser atribuída ao fato de que os indivíduos que compõe a sociedade Pós-Revolução Industrial⁵, passaram a se organizar coletivamente de forma que um “não têm seu vínculo coletivo, nem sua identidade, assegurados de antemão pela tradição, mas deve construí-los através de seu

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Brasília - UCB. Autora de “Clima de Opinião: um pressuposto da Espiral do Silêncio”, publicado na Sessão de Teorias da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008. email: beatriz.silveira7@gmail.com

³ Graduada em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (1993) e Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (Título: “Teoria das Representações Sociais: pertinência para pesquisas em comunicação de massa”, 2003). Orientadora deste trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília – UCB. email: rosana.pavarino@gmail.com

⁴ “Meios de comunicação tecnicamente aptos à difusão simultânea de toda espécie de informação, destinando-a um número indiscriminado de indivíduos. (...) são, além do cinema, os jornais, as revistas, as emissoras de rádio e, sobretudo, as redes de televisão.” (POLISTCHUK e TRINTA, 2003, p. 79)

⁵ “Foi iniciada na Inglaterra e consiste no desenvolvimento da indústria, a partir de tecnologias que aceleraram o processo de criação em diversos segmentos. No campo, por exemplo, ao invés 5 homens realizando a tarefa de arar, capinar e adubar a terra, agora há apenas um, operando uma máquina que faz tudo isso com rapidez e agilidade. (SILVEIRA, 2008)”



engajamento espontâneo na diversidade das formas coletivas de agrupamento.” Houve uma mudança no processo de comunicação em sociedade e, conseqüentemente, na maneira como um indivíduo interpreta a comunicação apresentada pela mídia. Ou seja, antes os meios de comunicação serviam para informar, vender. Agora, são necessários ao convívio em sociedade.

Dentre os estudos que analisam as causas e efeitos da mudança de comportamento de um indivíduo, a partir do seu contato com a comunicação desenvolvida pelos Meios de Comunicação de Massa, destacam-se as teorias Hipodérmica, a Abordagem Empírico Experimental ou “da Persuasão”, a Abordagem Empírica de Campo ou “dos Efeitos Limitados”, a Funcionalista, a Crítica e a Culturológica. São chamadas teorias porque todos os apontamentos feitos sobre elas estão baseados no conhecimento, não havendo a possibilidade de teste.

As teorias são embasadas, comprovadas ou rejeitadas, apenas com base no conhecimento, no estudo científico [...] já as Hipóteses são levadas à campo, à experimentação, encaminhadas ao teste. (SILVEIRA, 2008)

Porém, existem ainda pesquisas que, tendo sido levados ao teste, receberam o nome de hipóteses, das quais destacam-se três: a mais conhecida delas é a Agenda Setting, “que defende que a mídia tem o poder de nos agendar o tema que ela quiser, tornando-o tópico de nossas discussões interpessoais, fazendo com que o mesmo seja pauta de nossa agenda diária” (SILVEIRA, 2008), levantada por McCombs e Shaw, em 1972. Há ainda a Espiral do Silêncio, “que defende que os indivíduos assumem a opinião veiculada na mídia como sendo sua, por acreditarem ser a da maioria” (SILVEIRA, 2008), proposta por Elisabeth Noelle-Neumann, também em 1972. A terceira, e não menos importante, é o *Newsmaking*, que surgiu dos estudos de Kurt Lewin em 1947 e trata sobre a produção da notícia, apresentando os fatores intervenientes e processos pelos quais uma informação passa até chegar ao conhecimento de um indivíduo da sociedade de massa.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o fato de que, por vezes, temos acesso à notícias que nem sempre refletem a realidade, seja por mentiras, omissões ou mesmo pela ideologia de quem a produz (ou edita). Em outras palavras, tomamos conhecimento, apenas, do que um determinado jornalista, ou uma linha editorial, queira que tomemos, da forma que estes vêm e “narram” os fatos. E, estas possibilidades de influência, podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual do indivíduo que recebe a



notícia, pois ao invés de tomar conhecimento do fato, em si, ele a recebe com julgamentos, posicionamentos. Para fazer esta reflexão, será apresentada a Hipótese Contemporânea de Pesquisa em Comunicação que aborda o processo de produção da notícia: o *Newsmaking*.

O *Newsmaking*⁶

Levando em consideração o conteúdo da Hipótese do *newsmaking*⁷, HOHLFELDT (2001) diz que o termo “em uma tradução livre seria *fazedores de notícia* ou *a criação da notícia*”. Um bom, exemplo desse trabalho, no Brasil, é a profissão do jornalismo⁸.

A Hipótese de *newsmaking* dá ênfase à produção de informações, ou melhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção destes estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição, enfim, em sua distribuição. (HOHLFELDT, 2001, p. 204)

Ao pensar em escrever uma matéria, o jornalista deve levar em consideração o cumprimento de três obrigações da profissão:

1. devem tornar possível o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável.
2. devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada facto ocorrido a um tratamento idiossincrásico⁹;
3. devem organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. Estas obrigações estão relacionadas entre si. (Tuchman, 1977 apud WOLF, 1995)

Analizando cada uma delas, separadamente, podemos dizer que:

⁶ Segundo o dicionário Michaelis⁶ (2000), a palavra *new*, em português, significa “1. novo, não usado. 2. recente. 3. moderno. 4. original. 5. renovado. 6. estranho. 7. fresco. 8. novato, inexperiente. 9. adicional, complementar”.

Segundo o mesmo dicionário, *making* significa “1. fabricação, confecção. 2. criação. 3. qualidades essenciais.”

⁷ Os primeiros estudos sobre o processo de *newsmaking* foram realizados por Kurt Lewin, em 1947. (HOHLFELDT, 2001).

⁸ “A profissão do jornalista; a imprensa periódica”. “Jornalista: pessoa que dirige ou redige um jornal ou a ele oferece colaboração” (BUENO, 1996).

⁹ “Adj. Relativo à idiossincrasia.” “Idiossincrasia: disposição do temperamento do indivíduo, que o leva a sentir de um modo peculiar a influência de diversos agentes; maneira de ver, sentir, reagir, própria, especial, de cada pessoa.” (BUENO, 1996).



1. Toda notícia, desde a que interessa a uma pequena parcela da população até a de interesse de toda uma sociedade, daquela que aborda fatos comuns até a que se refere a acontecimentos extraordinários, deve ser veiculada.
2. Ao fazer a transformação de um fato em notícia é necessário que o jornalista o faça com imparcialidade¹⁰.
3. Expor a notícia seguindo uma ordem cronológica, não dando tanta importância a assuntos passados enquanto houver notícias atuais e interessantes possíveis de serem abordadas em pautas. Usar o espaço correto da notícia para com o público, não dando vazão, em um determinado país, somente às notícias que ocorrem no exterior.

Ou seja, o jornalista precisa estar atento a todas as notícias atuais, escrever sobre elas sem fazer julgamento e veiculá-las em espaço e tempo abeis.

Mas, na prática, não é bem assim que se dá o processo. As pautas a serem veiculadas são escolhidas. O processo de escolha acontece, geralmente, em uma reunião (reunião de pauta), que conta com a presença dos editores, repórteres, diagramadores e fotógrafos de uma revista, jornal (o que derruba a primeira obrigação dos jornalistas). O nome dado a essa “filtragem” é *gatekeeping*¹¹ que, traduzido para a realidade da Hipótese Comunicacional em questão, trata-se de um guardião da porta de saída da notícia, ou seja, quem decide o que será e o que não será veiculado para a sociedade.

McQuail define o *gatekeeping* como o processo pelo qual as seleções são efectuadas pelos media, especialmente no que respeita à decisão de inclusão de uma determinada notícia nos canais dos media, passando assim nos “portões” mediadores. (BRUNS, 2003 apud ANJOS, 2008).

Para tomar as decisões sobre seleções, o repórter avalia os valores da notícia, ou seja, características relativas à importância e à relevância da matéria para a sociedade, não tornando possível, segundo WOLF (2008), “o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável”:

¹⁰ “Retidão, justiça”. (BUENO, 1996).

¹¹ Segundo o dicionário Michaelis, a palavra *gate* significa “1. portão, porta. 2. porteira, barreira, cancela. 3. (...) passagem. 4. entrada, saída. (...)”. E, a palavra *keeping* significa “(...) 2. preservação. 3. observância. 4. cuidado, guarda, custódia (...)”. Juntando os dois significados, podemos dizer que o termo significa “guarda do portão”.



Tais *valores-notícia*, praticamente infinitos, são comumente agrupados em cinco grandes categorias, por sua vez, subdivididas em outras tantas. A título de exemplo, vamos indicar algumas delas:

- 1) **Categorias substantivas** – ligam-se ao acontecimento em si (por isso substantivos) e seus personagens [...]
- 2) **categorias relativas ao produto (notícia)** – dizem respeito à disponibilidade de matérias e características específicas do produto informativo (...)
- 3) **Categorias relativas aos méis de informação** – têm a ver com a quantidade de tempo usado para veiculação da informação. Depende menos do assunto e mais do como a informação é veiculada (...)
- 4) **categorias relativas ao público**– referem-se à imagem que o profissional ou o veículo possuem de seus receptores e o modo pelo qual se preocupam em (bem) atendê-lo (...)
- 5) **Categorias relativas à concorrência**– os meios de comunicação, enquanto empresas, concorrem entre si e buscam saber, *antecipadamente*, qual a pauta de seu concorrente, com a qual buscam competir ou à qual tentam neutralizar (...) (HOLFELDT, 2001, p. 209)

Acontece, freqüentemente, de as matérias veiculadas serem de conteúdo tendencioso (o que derruba a segunda obrigação). Há quem diga, inclusive, que não existe imparcialidade¹² no jornalismo:

Podemos buscar uma informação honesta para o público, procurarmos fontes que dêem opiniões diferenciadas sobre um mesmo fato e quem sabe contribuirmos para que o público tire suas próprias conclusões, mas nos julgarmos imparciais, jamais. Por que? Porque os textos são refêns de seus atores. Intencionalmente ou não, o jornalista na apuração, na redação ou na edição de suas matérias, acaba selecionando determinados aspectos em detrimento de outros. Mas por que? Pela criação que recebeu, pela cultura que acumulou, pelas experiências vividas e na maioria das vezes, por ordens de seus superiores. (DITZ, 2008)

Outras vezes, temos mais acesso a notícias sobre o que se passa no exterior ou em estados que não aquele onde residimos, como por exemplo, o caso do brasileiro Jean Charles, que foi assassinado em Londres; todos os dias brasileiros morrem de formas trágicas no Brasil e os meios de comunicação de massa não produzem metade das reportagens que foram realizadas na ocasião do assassinado do rapaz (fato que derruba a terceira obrigação).

Mas, no que consiste, afinal, a notícia?

¹² “O dever de imparcialidade consiste em desempenhar as funções com equidistância relativamente aos interesses com que seja confrontado, sem discriminar positiva ou negativamente qualquer deles, na perspectiva do respeito pela igualdade dos cidadãos” (FERREIRA, 2009)

“a imparcialidade consiste no uso exclusivo de valores cognitivos na seleção de teorias. Na medida em que há interferência de valores não-cognitivos, a ciência deixa de ser imparcial. Com o conceito de imparcialidade podem ser formuladas duas teses sobre a ciência: uma normativa – a ciência deve ser imparcial –; outra descritiva, ou factual – a ciência é imparcial.” (LACEY apud PACIONI, 2009)



BUENO (1996) a define como sendo “informação; conhecimento; comunicação, referência; nota; apontamento; resumo de um conhecimento; lembrança; biografia”.

McQuail (1991), diz que a notícia é “(...) uma das poucas aportações originais dos meios jornalísticos ao repertório das formas de expressão humana.” Segundo Rodrigues (1988), a notícia seria mesmo um meta-acontecimento, um acontecimento que se debruça sobre outro acontecimento, sendo acontecimento por ser notável, singular e potencial fonte de acontecimento notáveis. Notícia e acontecimento estariam, aliás, interligados. Muitas vezes, a própria notícia funciona como acontecimento susceptível de desencadear novos acontecimentos. (SOUSA, 1999)

Logo, podemos dizer que a notícia é uma forma de expressão humana, que consiste em narrar um acontecimento atual.

Segundo SOUSA (1999), SCHUDSON (1988) acredita que a notícia seja pura manifestação cultural. De fato, quando o público entra em contato com uma notícia, paralelamente, é apresentado às perspectivas de quem a escreveu, visto que, no processo de escrita, o jornalista se deixa influenciar por suas expectativas, experiências, visões, referências culturais etc. A partir desse contato, os indivíduos começam a familiarizar-se com a forma de escrever, com as críticas e apontamentos dos jornalistas que costumam ler, estabelecendo uma relação de confiança com os mesmos e de credibilidade aos conteúdos que escrevem. O estabelecimento dessa confiança origina o processo de influência, onde o indivíduo não julga o que o jornalista produz, mas passa a fazer da visão desse jornalista, a sua visão.

SOUSA aponta níveis de influência da notícia, nomeados por SCHUDSON da seguinte forma:

- 1) Acção pessoal – as notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções;
- 2) Acção social – as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional, em que foram construídas e fabricadas;
- 3) Acção ideológica – as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não;
- 4) Acção cultural – as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência);
- 5) Acção de meio físico e tecnológico – as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas;
- 6) Acção histórica – as notícias são um produto da história, durante a qual interagiram as restantes cinco forças que enformam as



notícias que temos (ações pessoal, social, ideologia, cultural e tecnológica). (SCHUDSON, 1988 apud SOUSA, 1999).

Ou seja:

- 1) Quando se lê uma notícia, tem-se acesso à interpretação de alguém que escreveu sobre os fatos;
- 2) Quando as notícias são produzidas, elas carregam consigo o posicionamento do canal que a produz diante do assunto abordado;
- 3) As notícias carregam interferências através da ideologia do jornalista ou do meio de comunicação que ele representa;
- 4) Cada região entende a notícia de uma maneira, devido às peculiaridades do seu povo e às particularidades da região em que habitam;
- 5) A linguagem e a forma de abordagem utilizada na produção de uma notícia dependem do público para quem a mesma foi escrita e do meio de comunicação na qual será veiculada;
- 6) Todo o histórico de notícias anteriores, sejam as que rejeitamos, sejam as que concordamos, são levadas em consideração. Ou seja, se um jornalista escreveu, certa vez, apontamentos cujos quais um indivíduo não concordou, este não lerá mais o que o jornalista escreve, ou não dará importância ao que ler.

Para evidenciar as diferenças em abordagens de um mesmo tema (que indicam como um meio de comunicação de massa tem liberdade para apresentá-lo sobre a ótica que desejar, seja por sua linha editorial¹³, patrocinadores, anunciantes ou donos), serão utilizadas, como estudo de caso, as reportagens sobre Charles Darwin, publicadas na ocasião dos 200 anos de seu nascimento, pelas revistas Carta Capital (25 de fevereiro de 2009), Época (9 de fevereiro de 2009) e Veja (11 de fevereiro de 2009), porque as três abordaram o assunto, cada uma com um ponto de vista. Ou seja, mesmo utilizando, basicamente, as mesmas editorias¹⁴, cada uma delas possui particularidades em sua linha editorial e, conseqüentemente, apresentou o assunto com um enfoque diferente.

¹³ “1. Direção seguida por uma empresa de comunicação na programação de seus produtos (livros, revistas, jornais, programas de TV e rádio, vídeos, discos, *sites* etc.), na elaboração de matérias e no próprio tratamento de seus conteúdos. Implica diretamente decisão sobre os produtos a serem publicados e baseia-se numa política editorial. 2. Estilo e postura de um determinado veículo ou de um produto editorial. Características de apresentação de jornal, revista, *newsletter*, programa televisivo, CD-ROM, *site* da internet, etc.”(BARBOSA e RABAÇA, 2001)

¹⁴ “Seção especializada em determinado setor (esporte, polícia, arte, meio ambiente etc.)” (RIBEIRO)



Carta Capital

Título: Darwin no Brasil

Sutiã: O cientista da Teoria da Evolução foi impiedoso e sarcástico com o País que conheceu em 1832. “Ignorantes, covardes e indolentes ao extremo”. Assim definiu os brasileiros em seu diário

Por: Almyr Gajardoni

A matéria tem início com um comentário de Darwin, que diz “Em agosto, calmamente passeando por Gales; em fevereiro, em um hemisfério diferente: nada mais nesta vida me há de surpreender”.

Um pouco mais adiante, Darwin se contradiz, demonstrando sua admiração ao ancorar na Ilha de Fernando de Noronha.

“grandes magnólias e louros e árvores cobertas de delicadas flores. (...) Tenho certeza de que toda a grandiosidade dos trópicos não foi vista por mim”.

Na segunda página da matéria, Gajardoni reforça a informação do sutiã, na qual Darwin ofende os brasileiros. Em seguida, mostra o deslumbramento do teórico com a fauna e a flora brasileiras. De Noronha, Darwin seguiu para Salvador e, de lá, para o Rio de Janeiro. De acordo com a matéria, ao mesmo tempo em que Darwin se apaixonada pela natureza brasileira, desenvolvia horror aos brasileiros. Em determinados trechos, Gajardoni afirma que Darwin achou inconveniente os hábitos alimentares encontrados no Brasil e que os brasileiros são sujos.

Sua principal revolta diz respeito à escravidão, ainda vigente no país.

Ignorantes, covardes e indolentes ao extremo; hospitaleiros e bem-humorados enquanto isso não lhes causar problemas; temperados, vingativos, mas não explosivos; satisfeitos com suas personalidades e seus hábitos, respondem a todos os comentários perguntando ‘por que não podemos fazer como fizeram nossos antepassados antes de nós?’

Gajardoni fala ainda da chegada de outro cientista ao Brasil, Alfred Russel Wallace, que desenvolveu trabalho semelhante ao de Darwin (ato que o fez divulgar seus estudos antes do tempo previsto).

A Revista Carta Capital segue uma linha editorial de esquerda, apoiando os seguem esta linha, seja no governo ou em projetos. Tece críticas sucintas sobre as



posturas que não concorda, defende o Brasil de críticas estrangeiras, mostrando o lado bom dos acontecimentos que se passam no país.

A matéria é crítica. Desde o início tenta nos fazer discordar da postura de Darwin ao criticar os costumes brasileiros. É como se Gajardoni quisesse fazer com que vissemos o posicionamento do cientista com desprezo; mostrando que ele não fez uso de sua própria teoria, cuja qual uma espécie se adaptaria ao meio para sobreviver. Mas, ao mesmo tempo, coloca parte da culpa da ira de Darwin no regime escravista praticado no Brasil.

Época

Tema: Darwin estava errado?

Sutiã: Nos 200 anos do maior cientista do século XIX, novas pesquisas mostram que a história dos seres vivos é mais complexa do que ele imaginou

Por: Peter Moon

A matéria começa lembrando que Sigmund Freud é o pai da psicanálise (e sua teoria perdeu força com o sucesso dos antidepressivos) e que Karl Max é teórico do comunismo (que se perdeu com a queda do Muro de Berlim). Diz ainda que a seleção natural é aceita, mas que cientistas renegam a árvore da vida, proposta por Darwin em 1837, e que diz que toda e qualquer espécie é evolução dos ramos e galhos de umas árvores (ancestral comum).

Enobrecendo Darwin por citar o evolucionismo antes de saber “como os pais transmitem aos filhos as características que garantem a sobrevivência da espécie”, Moon informa a mudança de nomenclatura da árvore da vida, que passa a se chamar teia da vida, por admitir que seres vivos vão mudando de hospedeiro e alterando os DNA’s de quem os hospeda. Segundo o jornalista, em 29 de fevereiro de 1832 Darwin chegou ao Brasil, residindo por um período no Rio de Janeiro. Durante sua estadia em solo brasileiro, foi capaz de perceber que seres de mesma espécie possuem características diferentes e desenvolvem habilidades específicas, necessárias à sobrevivência. Isso explica as diferenças em tamanho, habilidades de vôo, formatos de bicos etc.

Darwin só publicou seus estudos anos depois das descobertas. Moon atribui o fato às convicções religiosas que o teórico ainda alimentava. A morte de sua filha mais velha o fez perder a fé. A partir deste momento, Darwin tornou público seus pensamentos em “A origem das espécies”.



A Revista *Época* pertence aos donos da Globo Produções e, assim como ela, segue linha editorial “centrista”. Não entra em choque e tampouco defende o governo com frequência. Seus jornalistas, por si ou pela interferência dos editores, sabem ser diplomáticos.

Peter Moon, em sua matéria, não assumiu posicionamento alguma cerca das críticas feitas às obras de Darwin, apenas relatou as dúvidas que surgiram sobre os apontamentos do cientista. Não há tentativa de penetração de ideologia. A conclusão sobre Darwin estar certo ou errado fica a cargo do leitor.

Veja

Título: A Darwin o que é de Darwin

Sutiã: As idéias revolucionárias do naturalista inglês, que nasceu há 200 anos, são pilares da biologia e da genética e estão presentes em muitas áreas da ciência moderna. O mistério é por que tanta gente ainda reluta em aceitar que o homem é o resultado da evolução

Por: Gabriela Carelli

A matéria começa comentando a dificuldade que os indivíduos, religiosos ou não, têm de aceitar a teoria de Darwin. O Darwinismo era fundamentado na hereditariedade e, agora, mesmo sustentando-se nas estruturas genéticas, ainda existe dúvida por parte de muita gente. De acordo com Carelli, os apontamentos colocam em dúvida a existência de Deus, deixando-o restrito à fé dos indivíduos.

Para Freud, dizer que o homem é evolução animal é tirá-lo da sua posição de “obra divina” e isso explica a rejeição das idéias de Darwin. Para Carelli “a crença na evolução é inversamente proporcional à crença em Deus”. Em seguida, afirma que quanto menor a pobreza, menor é a fé, o que explica o motivo pelo qual a maior aceitação da teoria do Evolucionismo está nos países ricos.

Carelli critica o fato de a teoria Evolucionista não ser ensinada às crianças. Para ela, essa atitude priva os estudantes de conhecer o racional da evolução da humanidade, restringindo-os ao conhecimento do sobrenatural. Ela cita a viagem do cientista ao Brasil e da aversão que o mesmo tinha à escravidão praticada no país.

A Revista *Veja* possui linha editorial claramente de direita e conservadora. Critica frequentemente o governo de esquerda regente no Brasil e publica matérias com forte ideologia.



A matéria defende Darwin e suas idéias. Carelli demonstra grande admiração por ainda haver indivíduos que não acreditam na teoria do Evolucionismo proposto por Darwin. Suas colocações apontam favorecimento das idéias do cientista. É uma matéria que tenta fazer com que acreditemos, ou ao menos levemos em consideração o Darwinismo.

Conclusão

Como foi possível observar, um mesmo tema possibilita a realização de diversas abordagens. Cada produtor de notícia é livre para relatar os fatos segundo sua visão, podendo ser podado, apenas, pelo editor. Neste caso, a notícia é transmitida de acordo com as convicções do mesmo ou com a linha editorial seguida pelo veículo, que pode sofrer influências de seus donos, patrocinadores ou anunciantes.

Se ocorresse de todos os jornalistas receberem a informação necessária para a produção da notícia de uma única fonte, as mesmas dificilmente terão igual abordagem, pois os *valores-notícia* variam de acordo com a cultura e os interesses de quem a produz, de quem a recebe, sobre quem ela trata e a quem pode atingir.

Existe um outro fator que deve ser levado em consideração ao se posicionar acerca de um fato: a interpretação. Cada um lê uma informação de uma maneira. É possível que um indivíduo tenha acesso a uma das reportagens aqui expostas e não concorde com a interpretação dada. Isso acontece porque ela se baseia em experiências e visões pessoais. A regionalidade e os valores promovem diferenças entre certo e errado, justo e injusto e, fatores como estes, interferem na interpretação de notícias.

Por estas razões, é de fundamental importância procurar variadas fontes sobre o assunto cujo qual se quer (ou se necessita) obter maior conhecimento. Ao procurar diferentes notícias, somos capazes de formar opiniões próprias. Isso dificulta a possibilidade de sermos induzidos a pensar sob a luz de ideologias de outrem ou que vejamos um acontecimento de acordo com posicionamentos críticos que não os nossos.

Referências

A Darwin o que é de Darwin. **Revista Veja**. São Paulo, 11 fev. 2009. P. 72.



ANJOS, André. **Gatekeeping & newsmaking online**, Mar 2008. Disponível em: <<http://anjosandre.wordpress.com/2008/03/19/gatekeeping-newsmaking-online/>>. Acesso em 24 Fev. 2009.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Alberto. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro. Editora Elsever. 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo. Editora FTD. 1996.

Darwin estava errado? **Revista Época**. São Paulo, 9 fev. 2009. P.57.

Darwin no Brasil. **Revista Carta Capital**. São Paulo, 25 fev. 2009. P.8.

DITZ, Luciana de Lima. **A imparcialidade não existe**. Jan 2008. Disponível em <<HTTP://lucianajornalista.blogspot.com/2008/01/imparcialidade-no-existe.html>>. Acesso em 24 Fev. 2009.

Escola artística de Soares dos Reis. **Deveres**. Mar 2009. Disponível em: <<https://www.essr.net/drupal/?q=pt/node/51>>. Acesso em 11 abr. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1999.

HOLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2001.

MARTINO, Luiz C.. **Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação**. Campo da Comunicação. Paraíba. Editora Universitária. 2001.

MICHELETTI, Camila. **Saber falar em público é competência necessária para todos os profissionais**. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/106/artigo38894-1.asp>>. Acesso em 12 abr. 2009.

PACIONI, Tatiana. **Redação científica**. Abr 2009. Disponível em: <<http://tatianapacioni.blogspot.com/>>. Acesso em 11 abr. 2009.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social**. Rio de Janeiro. Editora Campus. 2003.

RIBEIRO, Maria Rosane. **Glossário de jornalismo**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/quemle/Programa/glossario_de_jornalismo.doc>. Acesso em 11 abr.



2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **A notícia e seus efeitos:** as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 24 fev. 2009.